

O DÍZIMO ENTRE AS PASTORAIS

Pedro José Teles¹

Dr. Pe. Carlito Bernardes²

RESUMO

O dízimo é prática de origem bíblica que, desde o Antigo Testamento, simboliza gratidão, solidariedade e reconhecimento da soberania divina. Ao longo da história cristã, foi assumido como expressão de fé e partilha especialmente na Igreja Católica onde não se limita a uma contribuição financeira, mas se apresenta como sinal de pertença comunitária e compromisso missionário. Este estudo tem como objetivo analisar, por meio de revisão de literatura, a relação entre a prática do dízimo e a participação dos membros de pastorais. Especificamente, buscando compreender a distinção entre dízimo e serviços pastorais, identificando e justificando as resistências apresentadas pelos agentes de pastorais quanto à ampliação a consciência sobre o tema. Os resultados mostraram que ainda há compreensão restrita do dízimo em muitas pastorais marcadas pela ideia de substituí-lo por serviços prestados ou pela percepção de obrigação econômica. Em contrapartida, experiências bem sucedidas de formação, transparência na gestão e catequese permanente demonstra que o dízimo pode ser compreendido como gesto de fé livre e voluntária, sendo importante para a manutenção da vida pastoral, litúrgica e social da Igreja.

Palavras-chave: Dízimo. Pastoral. Comunhão. Corresponsabilidade. Espiritualidade Cristã.

ABSTRATC

The tithe is a biblical practice that, since the Old Testament, has symbolized gratitude, solidarity, and recognition of divine sovereignty. Throughout Christian history, it has been embraced as an expression of faith and sharing, especially within the Catholic Church, where it is not limited to a financial contribution but is presented as a sign of community belonging and missionary commitment. This study aims to analyze, through a literature review, the relationship between the practice of tithing and the participation of pastoral ministry members. Specifically, it seeks to understand the distinction between tithing and pastoral services, identifying and justifying the resistance shown by pastoral agents regarding the expansion of awareness on the subject. The results revealed that there is still a limited understanding of tithing in many ministries, often marked by the idea of replacing it with services rendered or by viewing it as an economic obligation. Conversely, successful experiences of formation, transparent management, and ongoing catechesis demonstrate that tithing can be understood as a free and voluntary act of faith, essential for sustaining the pastoral, liturgical, and social life of the Church.

Keywords: Tithe. Pastoral. Communion. Co-responsibility. Christian Spirituality.

¹ Orientando do TCC do curso de Bacharelado de Teologia da Faculdade Católica de Anápolis, Goiás.

² Orientador do TCC do curso de Bacharelado de Teologia da Faculdade Católica de Anápolis, Goiás.

INTRODUÇÃO

Refletir sobre o dízimo é refletir sobre a espiritualidade da partilha que acompanha o povo de Deus desde o Antigo Testamento como expressão de gratidão e reconhecimento da soberania divina. O dízimo foi assumido ao longo da história cristã como gesto de fé, solidariedade e comunhão. Nas diferentes tradições, especialmente na Igreja Católica Apostólica, ele não se traduz exclusivamente a uma contribuição financeira, mas é compreendido como manifestação concreta de pertença comunitária e compromisso com a missão evangelizadora da Igreja.

Segundo a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), o dízimo deve ser assumido como gesto consciente e voluntário, capaz de fortalecer os vínculos de fé e assegurar a manutenção das atividades pastorais, litúrgicas e sociais da comunidade. Entretanto, em muitas pastorais ainda persiste uma visão limitada, que considera o serviço prestado nas pastorais como substituto da devolução do dízimo. Essa compreensão parcial revela lacunas formativas que fragilizam a vivência integral da espiritualidade cristã.

Diante desse cenário, torna-se necessário analisar como o dízimo tem sido compreendido e vivido no interior das pastorais, a fim de podermos superar interpretações que o reduzem a uma obrigação econômica ou o substituem por iniciativas voluntárias. Refletir sobre os fatores que geram resistências e propor caminhos de formação que ampliem a consciência da espiritualidade do dízimo é essencial para fortalecer a comunhão e a corresponsabilidade na vida eclesial.

Assim, o objetivo geral deste estudo é examinar, por meio de revisão da literatura, a relação entre a prática do dízimo e a participação dos membros de pastorais, onde se busca: Compreender como a Igreja tem tratado a distinção entre o dízimo e os serviços pastorais; identificar justificativas e resistências apresentadas pelos agentes quanto à devolução e levantar propostas e orientações pastorais voltadas à conscientização sobre o tema.

A metodologia adotada consistiu em uma revisão da literatura, fundamentada em publicações acadêmicas e documentos institucionais que discutem a prática do dízimo no contexto das pastorais da Igreja Católica. O material analisado foi coletado entre 2019 e 2024 em bases como SciELO, Livros, Google Acadêmico e Portal de Periódicos da CAPES, além de documentos oficiais da CNBB e de dioceses brasileiras. Foram incluídos textos em língua portuguesa com enfoque pastoral e excluídos aqueles de caráter estritamente econômico, jurídico ou fora do recorte temporal definido.

FUNDAMENTOS DO DÍZIMO

O dízimo encontra suas raízes mais profundas na Sagrada Escritura, surgindo já no Antigo Testamento como sinal de reconhecimento da soberania de Deus sobre todas as coisas. Em Gênesis 14, Abraão oferece a Melquisedeque a décima parte do que havia conquistado, gesto que simboliza fé, gratidão e entrega diante da providência divina. Nesse contexto, o dízimo nasce antes de qualquer prescrição legal, como expressão espontânea da confiança no Senhor (cfr. RUBINI; KUNZLER, 2018, p. 13).

A prática, porém, ganhou contornos mais claros com a legislação mosaica, que determinou sua aplicação para o sustento dos levitas e para a manutenção do culto. O livro do Levítico ressalta que o dízimo era reservado àqueles que serviam no templo e não possuíam terras, garantindo equilíbrio social e espiritual entre as tribos de Israel. Dessa forma, a devolução se consolidou como instrumento de justiça e solidariedade (cfr. Diocese de Colatina³, 2019, p. 7).

Deuteronômio 14 reforça essa dimensão comunitária ao prever que parte do dízimo deveria ser destinada aos órfãos, viúvas e estrangeiros. O texto evidencia que a prática não se restringia a um rito religioso, mas possuía caráter social, orientando o povo de Deus a viver a fé em comunhão com os mais vulneráveis. Assim, a identidade de Israel se fortalecia por meio da partilha (cfr. CNBB, 2019, p. 22).

Os profetas, em sua missão de denunciar incoerências, advertiram contra a prática do dízimo reduzida à formalidade. Amós e Malaquias destacaram que Deus não se agrada de ritos vazios, desprovidos de conversão e compromisso com a justiça. Em Malaquias 3,10, o Senhor convida o povo a devolver o dízimo com confiança, prometendo bênçãos em abundância. Essa passagem tornou-se marco teológico, lembrando que a fidelidade ao dízimo deve nascer da autenticidade da fé (cfr. DOMINGUES, 2023, p. 41).

Nesse horizonte, percebe-se que o dízimo não é apenas um gesto econômico, mas expressão pedagógica de uma espiritualidade que partilha e une irmãos. O alerta profético aponta que a verdadeira devolução é inseparável da justiça e da solidariedade, consolidando o princípio de que Deus deseja um coração convertido e disposto a partilhar (cfr. RUBINI; KUNZLER, 2018, p. 25).

No Novo Testamento, a prática recebe nova releitura. Jesus, em Mateus 23,23, critica os fariseus que observavam rigorosamente o dízimo, mas negligenciavam a misericórdia e o amor.

³ Todas as referências às Dioceses e Arquidioceses do trabalho foram retiradas das páginas Web das mesmas.

O Senhor não abole a prática, mas amplia seu sentido, mostrando que ela deve estar integrada à ética do Evangelho. Assim, o dízimo passa a ser compreendido como gesto de amor, e não apenas de cumprimento legal (cfr. GASQUES, 2022, p. 58).

A comunidade primitiva, narrada nos Atos dos Apóstolos, mostra que a Igreja deveria viver a essência da partilha. Em Atos 4,32-35, os cristãos colocavam tudo em comum para que ninguém passasse necessidade. Essa experiência revelou que a comunhão dos bens era expressão concreta da pertença ao corpo de Cristo, reafirmando o valor espiritual da partilha (cfr. DORNELES, 2018, p. 15).

Apesar de não falar especificamente de dízimo, São Paulo aprofunda ainda mais em suas cartas esse horizonte. Em 2 Coríntios 9,7, ensina que “Deus ama quem dá com alegria”. Para o apóstolo, a contribuição não deveria nascer de imposição, mas da liberdade e da gratidão. Dessa forma, a dimensão espiritual supera a obrigação numérica, e o dízimo é reinterpretado como resposta amorosa à providência divina (cfr. SILVA, 2021, p. 10). Dentro deste contexto, para a Igreja Católica Apostólica Romana, o que você traz em seu envelope não é mais importante do que o que você traz em seu coração, ou seja, a solidariedade, o senso de partilha e o amor aos irmãos.

A origem bíblica do dízimo revela que sua essência não está na obrigação, mas na espiritualidade de gratidão e solidariedade. Desde Abraão até a comunidade primitiva, a prática aparece como convite à confiança em Deus e ao cuidado mútuo. Esse legado bíblico continua sendo inspiração para a Igreja, que conserva no dízimo um caminho de fé, comunhão e corresponsabilidade (cfr. CNBB, 2019, p. 33).

O DÍZIMO NO MAGISTÉRIO DA IGREJA

Com base no legado bíblico, a Igreja Católica consolidou a prática do dízimo como expressão de pertença comunitária e corresponsabilidade na missão. O Catecismo da Igreja Católica ensina que os fiéis têm o dever de colaborar com as necessidades da Igreja, consubstanciando o dízimo no 5º mandamento da Igreja Católica, e essa contribuição não deve ser vista como imposto, e sim como gesto livre de fé, comunhão e partilha (cfr. CNBB, 2019, p. 12).

A tradição da Igreja compreende que o dízimo possui quatro dimensões que se complementam, sendo: Religiosa, que se traduz em uma relação do fiel com Deus, pois é expressão de gratidão da sua fé e da sua conversão. Essa dimensão insere, assim, o dizimista no âmbito da espiritualidade cristã; a dimensão Eclesial, que é a participação e compromisso

do dizimista para com a comunidade, reconhece a Igreja como família de Deus e, por isso, tem necessidades que devem ser atendidas pelo esforço coletivo dos seus membros; a dimensão Missionária, onde se insere a responsabilidade do cristão como evangelizador, proporcionando que a Boa Nova de Jesus chegue a lugares distantes; e a dimensão Caritativa, a qual se manifesta no cuidado com os pobres por parte da comunidade, onde a atenção com os pobres e suas necessidades é uma característica própria da Igreja Católica Apostólica Romana. Enfatizando, essa dimensão reafirma que a prática do dízimo não pode ser reduzida a simples recurso financeiro (cfr. Arquidiocese de Belo Horizonte, 2023, p. 9).

Apesar dessa compreensão, ao longo da história, a Igreja enfrentou desafios em relação ao sentido do dízimo. Muitos fiéis ainda o consideram uma obrigação pesada ou uma cobrança administrativa, desconsiderando seu valor espiritual. Por essa razão, documentos da Igreja e diretórios pastorais insistem que o dízimo deve ser visto como espiritualidade de partilha e resposta consciente ao chamado da fé (cfr. Diocese de Miracema do Tocantins, 2020, p. 15).

Nesse horizonte, a catequese sobre o dízimo tornou-se elemento central da ação evangelizadora. Diversas dioceses organizam encontros, formações e círculos bíblicos que buscam apresentar o dízimo como prática de maturidade cristã, vinculada ao amor e à corresponsabilidade. Tais iniciativas ajudam os fiéis a compreenderem que sua contribuição sustenta não apenas a liturgia, mas também a missão pastoral e a ação social (cfr. Diocese de Teixeira de Freitas/Caravelas, 2021, p. 11).

Essa catequese não se limita a instruções formais, mas propõe uma verdadeira pedagogia de conversão. O dízimo ensina a superar o individualismo e a reconhecer a vida como dom. Nesse sentido, a prática se torna um exercício constante de fé, gratidão e solidariedade, que leva os cristãos a integrarem oração, comunhão e partilha em seu cotidiano (cfr. Arquidiocese de Manaus, 2023, p. 7).

Ao mesmo tempo, o dízimo ocupa lugar importante na identidade comunitária da Igreja. Quando os fiéis contribuem de forma livre e consciente, assumem a corresponsabilidade pelo sustento da comunidade e de suas atividades missionárias. Esse gesto fortalece os laços entre os membros e reafirma que todos participam da mesma missão de anunciar o Evangelho (cfr. CNBB, 2019, p. 28).

Outro aspecto relevante da tradição católica é o caráter universal do dízimo. Parte dos recursos arrecadados pelas paróquias é destinada ao apoio de comunidades mais necessitadas, evidenciando que a Igreja é una e solidária. Essa partilha de bens entre dioceses recorda que o dízimo ultrapassa fronteiras locais e expressa comunhão com toda a Igreja (cfr. Arquidiocese de Belo Horizonte, 2023, p. 14).

As dimensões do dízimo refletem sua capacidade de formar consciências comprometidas com o bem comum. Ao praticar o dízimo, o fiel aprende que a fé não pode ser vivida isoladamente, mas precisa ser partilhada em gestos concretos. Assim, a espiritualidade cristã encontra no dízimo um meio de educar para a responsabilidade social e eclesial (cfr. DOMINGUES, 2023, p. 46).

A tradição pastoral ainda sublinha a importância da transparência na administração do dízimo. A Diocese de Anápolis, (2025), afirma que comunidades que prestam contas com clareza fortalecem a confiança dos fiéis, demonstrando que cada contribuição é revertida em evangelização, liturgia e caridade. A boa gestão dos recursos, portanto, não é apenas administrativa, mas expressão de fidelidade à missão (cfr. Diocese de Anápolis, 2025, p. 4).

O dízimo na tradição da Igreja não pode ser compreendido apenas como mecanismo de sustento financeiro, mas como espiritualidade de comunhão, partilha e corresponsabilidade. Quando vivenciado com clareza, liberdade e transparência, torna-se testemunho concreto da fé cristã, fortalecendo a missão evangelizadora e o serviço aos mais necessitados em todas as dimensões da vida eclesial (cfr. Diocese de Miracema do Tocantins, 2020, p. 19).

O DÍZIMO E A ESPIRITUALIDADE CRISTÃ

O dízimo, sob a ótica da fé cristã, deve ser compreendido como um gesto que transcende a dimensão financeira, transformando-se em resposta de amor e gratidão a Deus. Trata-se de prática profundamente enraizada na espiritualidade da partilha, que recorda aos fiéis que tudo vem do Criador e que a vida cristã se constrói na confiança e na dependência de sua providência. Assim, o dízimo não é mera contribuição, mas um sinal concreto de fé vivida (cfr. GASQUES, 2022, p. 57).

Na tradição do Magistério da Igreja Católica, o dízimo aparece como caminho de formação, capaz de educar os fiéis para a consciência da gratuidade. Ao devolver com alegria uma parte de seus bens, o cristão reconhece que nada lhe pertence de modo absoluto, mas que tudo deve ser colocado a serviço da comunidade. Dessa maneira, o dízimo fortalece a identidade cristã, pois traduz em gesto concreto a pertença, a comunhão e a solidariedade que sustentam a vida eclesial (cfr. DOMINGUES, 2023, p. 45).

A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil enfatiza que o dízimo não deve ser interpretado como imposto ou taxa, mas como ato livre e consciente de fé. A CNBB observa que essa prática exprime o compromisso dos fiéis com a missão evangelizadora da Igreja, permitindo a manutenção de suas atividades litúrgicas, sociais e pastorais (cfr. CNBB, 2019, p.

12). A espiritualidade cristã encontra, assim, no dízimo, não uma obrigação imposta, mas uma oportunidade de testemunhar a fé em comunidade.

É necessário distinguir o dízimo de outras formas de contribuição que existem na vida eclesial. Enquanto o dízimo corresponde à devolução da décima parte como gesto contínuo e estável, a oferta possui caráter eventual e a esmola é destinada diretamente ao necessitado. Já a doação pode assumir diferentes formatos de solidariedade, e o serviço pastoral se refere à entrega de tempo e talentos na vida da comunidade. Cada gesto possui valor próprio, mas não substitui o dízimo. Essa distinção é fundamental, pois muitos fiéis acreditam que o envolvimento em atividades pastorais exime da devolução do dízimo. Contudo, a tradição da Igreja lembra que os serviços e dons oferecidos à comunidade são complementares ao dízimo, e não sua substituição. A contribuição material mantém função específica de sustentar a missão evangelizadora, garantindo recursos para a liturgia, a formação e a caridade. Essa clareza fortalece a compreensão madura da prática (cfr. Diocese de Miracema do Tocantins, 2020, p. 15).

A espiritualidade do dízimo, portanto, não se reduz ao aspecto econômico, mas integra todas as dimensões da vida cristã. A Diocese de Colatina, Estado do Espírito Santo, ressalta que o dízimo deve ser visto como pedagogia de comunhão, em que a dimensão espiritual e a material se complementam (cfr. Diocese de Colatina, 2019, p. 7). Assim, o fiel não participa apenas com seus serviços e dons pessoais, mas também com os bens que possui, assumindo plenamente a corresponsabilidade pela missão da Igreja no mundo.

O dízimo também se vincula de modo direto à evangelização, pois garante a continuidade das ações missionárias. Sem a partilha fiel dos cristãos, a Igreja teria dificuldades para manter estruturas, formar agentes e sustentar obras sociais. A Diocese de Anápolis, Estado do Goiás, recorda que a colaboração dos dizimistas é indispensável para que a evangelização chegue a mais pessoas (cfr. Diocese de Anápolis, 2025, p. 4). Dessa forma, cada contribuição se converte em ato evangelizador e testemunho de fé concreta.

Nesse sentido, o dízimo torna-se instrumento de anúncio do Evangelho, pois permite que a Palavra alcance novas realidades. A Arquidiocese de Manaus, Estado do Amazonas, destaca que, ao devolver o dízimo, o fiel assume corresponsabilidade pela missão. Não se trata apenas de sustentar o funcionamento da paróquia, mas de colaborar para que a mensagem cristã ultrapasse fronteiras (cfr. Arquidiocese de Manaus, 2023, p. 7). Assim, a evangelização deixa de ser obra de poucos e se torna compromisso de toda a comunidade de fé.

Outro aspecto essencial é a dimensão espiritual da oração unida ao dízimo. A devolução não deve ser feita de forma mecânica, mas apresentada a Deus em atitude orante. A Diocese de

Teixeira de Freitas/Caravelas, Estado da Bahia, reforça que o dízimo, quando colocado no altar, se transforma em oferenda espiritual de louvor e gratidão (cfr. Diocese de Teixeira de Freitas/Caravelas, 2021, p. 11). Assim, a prática não se limita à entrega material, mas se converte em ato litúrgico que integra a vida do fiel à celebração da fé.

As dimensões do dízimo ajudam a compreender que ele não significa perda, mas devolução daquilo que Deus primeiro concedeu. Ao ofertar o dízimo, o cristão aprende a cultivar desapego, confiança e generosidade, reconhecendo que sua vida depende da providência divina. O dízimo, assim, não apenas garante a manutenção da Igreja, mas edifica a espiritualidade pessoal e comunitária, tornando-se exercício constante de fé madura e consciente (cfr. DOMINGUES, 2023, p. 46).

Além da oração pessoal, a oração comunitária em torno do dízimo fortalece a unidade e a confiança entre os fiéis. Quando a comunidade apresenta sua partilha diante de Deus, reconhece que a missão não pertence a um grupo isolado, mas é sustentada por todos. Essa consciência gera comunhão e ajuda a superar preconceitos ou resistências históricas em relação ao dízimo, consolidando sua vivência como prática de fé partilhada (cfr. Arquidiocese de Belo Horizonte, 2023, p. 14).

O dízimo, portanto, revela-se como prática que une fé, solidariedade e missão. Ele não se limita ao aspecto material, mas se torna expressão de vida espiritual quando vivenciado na liberdade e na oração. A CNBB observa que o dízimo só tem sentido se for realizado de modo consciente, livre e generoso, tornando-se sinal de amor, comunhão e corresponsabilidade no corpo da Igreja (cfr. CNBB, 2019, p. 28).

A espiritualidade cristã vê no dízimo não apenas um dever, mas uma oportunidade de crescimento. Ele educa o coração para a partilha, para o desapego e para a confiança em Deus. Cada contribuição se transforma em gesto pedagógico que forma consciências maduras, capazes de viver a fé não apenas na intimidade pessoal, mas também em gestos concretos de solidariedade que sustentam a comunidade (cfr. GASQUES, 2022, p. 59).

Esse caráter formativo faz do dízimo instrumento de conversão contínua. Ao contribuir, o fiel aprende a integrar sua fé com sua vida cotidiana, compreendendo que não existe separação entre oração e ação. O dízimo recorda que a espiritualidade cristã é encarnada e comunitária, manifestando-se em atitudes concretas que beneficiam a Igreja e os mais necessitados, fortalecendo os vínculos de comunhão e corresponsabilidade (cfr. DOMINGUES, 2023, p. 47).

Na tradição eclesial, o dízimo também carrega dimensão missionária universal. Muitas dioceses destinam parte das contribuições para apoiar comunidades mais carentes, demonstrando que a Igreja é una e solidária. Essa prática expressa a espiritualidade de

comunhão que transcende fronteiras locais, permitindo que os fiéis percebam que sua contribuição participa da missão maior da Igreja no mundo (cfr. Arquidiocese de Manaus, 2023, p. 10).

O dízimo, como expressão de fé e gratidão, distingue-se de outras contribuições, integra-se à missão evangelizadora e se transforma em ato espiritual quando vivido na oração. Ele é sinal de pertença comunitária e testemunho de fé. Quando praticado de modo consciente e livre, fortalece a espiritualidade cristã e se torna caminho pedagógico de amor, solidariedade e comunhão, sustentando a missão evangelizadora da Igreja em todas as suas dimensões (cfr. CNBB, 2019, p. 32).

O DÍZIMO NO CONTEXTO DAS PASTORAIS

A compreensão do dízimo dentro das pastorais nem sempre é homogênea, e muitos agentes ainda interpretam sua prática de forma restrita. A Arquidiocese De Manaus (cfr.2023, p. 7) lembra que uma visão recorrente é considerar que o serviço prestado substitui a devolução do dízimo. Essa percepção revela lacunas formativas que enfraquecem a consciência de que a partilha material é dimensão essencial da fé, e não apenas obrigação administrativa.

Outro obstáculo é o apego excessivo aos bens materiais. Gasques (cfr.2022, p. 58) observa que muitos agentes pastorais, embora comprometidos com as atividades da Igreja, resistem em separar parte de seus rendimentos. Essa resistência mostra que o dízimo continua sendo visto por alguns como exigência econômica e não como prática espiritual de gratidão e solidariedade. O desafio pastoral, portanto, é apresentar o dízimo como caminho de conversão e não como perda.

A formação catequética aparece como necessidade urgente diante dessas limitações. Domingues (cfr.2023, p. 44) enfatiza que muitas paróquias ainda não oferecem formação suficiente sobre o sentido do dízimo. Sem essa base, os fiéis reconhecem sua importância, mas não o vivenciam plenamente. Encontros, círculos bíblicos e catequeses específicas tornam-se fundamentais para integrar o dízimo à espiritualidade cotidiana e superar interpretações equivocadas.

Nesse horizonte, o testemunho das lideranças pastorais é determinante. A cfr. CNBB (2019, p. 22) recorda que o dízimo, quando assumido por agentes pastorais, fortalece a comunhão e inspira toda a comunidade. O exemplo dos líderes que contribuem fielmente gera motivação nos demais, transformando a prática em sinal de corresponsabilidade e unidade na missão da Igreja.

A Diocese De Colatina (cfr. 2019, p. 9) reforça que o dízimo deve ser discutido também nos pequenos grupos, como pastorais e movimentos. Quando a temática é abordada em espaços de reflexão comunitária, os fiéis compreendem que a prática nasce da Palavra de Deus e se concretiza em gestos de comunhão. Esse trabalho de base aproxima a espiritualidade do dízimo da vida cotidiana das famílias.

Uma resistência comum entre agentes pastorais é a percepção de que a Igreja já possui recursos suficientes. Dorneles (cfr.2018, p. 15) alerta que esse pensamento leva alguns a desconsiderarem a importância da devolução do dízimo. Entretanto, a experiência pastoral mostra que as necessidades crescem constantemente, especialmente no campo missionário e social. Sem a fidelidade dos dizimistas, muitas atividades são comprometidas, afetando a evangelização e o cuidado com os pobres.

A Diocese de Miracema do Tocantins, Estado do Tocantins, (cfr.2020, p. 14) destaca que é necessário integrar formação, liturgia e prática comunitária no trabalho pastoral sobre o dízimo. Essa integração permite superar a visão de mera obrigação financeira, fortalecendo o caráter espiritual da contribuição. Quando o dízimo é apresentado como parte da espiritualidade cristã, torna-se expressão de fé madura e compromisso com a missão da Igreja.

Outro ponto fundamental é enfrentar preconceitos históricos relacionados ao dízimo. Muitos ainda o enxergam como prática legalista ou obrigação imposta, o que dificulta sua aceitação. Domingues (cfr.2023, p. 47) ressalta que a pedagogia pastoral deve insistir no caráter livre e voluntário do dízimo, mostrando que ele é gesto de liberdade e amor, e não de imposição. Assim, o fiel compreende que contribuir é assumir corresponsabilidade na missão.

Experiências bem-sucedidas de conscientização demonstram que a combinação de formação bíblica com testemunhos concretos gera resultados significativos. A Diocese De Teixeira De Freitas (cfr.2021, p. 12) mostra que, quando os fiéis percebem a aplicação direta do dízimo em projetos sociais, evangelização e liturgia, sua motivação para contribuir aumenta. O vínculo entre teoria e prática reforça o sentido espiritual e comunitário da devolução.

A transparência também ocupa lugar central na vivência do dízimo nas pastorais. A Diocese De Anápolis (cfr.2025, p. 5) observa que a prestação de contas fortalece a confiança dos fiéis e mostra que os recursos são destinados à missão. Essa clareza contribui para superar resistências e consolidar a percepção do dízimo como ato de comunhão, além de estimular maior adesão dos dizimistas.

O dízimo, quando bem compreendido, amplia a espiritualidade de comunhão e transforma a vida das pastorais. A Arquidiocese de Belo Horizonte, (cfr.2023, p. 13) lembra que ele não é apenas recurso administrativo, mas caminho de amadurecimento na fé. Quando

os agentes pastorais vivenciam essa prática com clareza, tornam-se testemunhas vivas para a comunidade, ajudando a formar novas gerações de fiéis comprometidos.

A prática regular do dízimo garante continuidade às ações missionárias e sociais, possibilitando que a Igreja vá além dos limites paroquiais. A CNBB (cfr.2019, p. 30) ressalta que parte das contribuições é destinada ao auxílio de dioceses mais carentes e à manutenção de projetos de evangelização. Essa partilha entre comunidades recorda que a Igreja é una e solidária, sustentada pela generosidade de seus membros.

O trabalho pastoral precisa, portanto, enfatizar que o dízimo é questão de fé, solidariedade e missão. Ele não substitui o serviço prestado, mas o complementa, tornando-se sinal concreto da integração entre espiritualidade e ação comunitária. Quando vivido dessa forma, o dízimo se converte em caminho de santidade e testemunho autêntico do Evangelho (cfr. GASQUES, 2022, p. 62).

Como lembra Silva (cfr.2021, p. 10), o dízimo nas pastorais deve ser assumido como espiritualidade de comunhão. Quando os agentes compreendem sua verdadeira essência, tornam-se modelos de fé e corresponsabilidade. Dessa forma, o dízimo deixa de ser visto apenas como recurso financeiro e passa a ser reconhecido como expressão de amor a Deus, serviço ao próximo e renovação da vida comunitária.

Em algumas pastorais, observa-se que parte de seus membros ainda vive a prática do dízimo de forma equivocada, acreditando que os serviços prestados substituem o dízimo, fazendo confusão entre doação, esmola, ofertas, dízimo e serviços prestados nas pastorais. Por esse motivo, muitos não são dizimistas. Outros ainda acreditam que o dízimo é cumulativo e pelo fato de não ter sido devolvido nos últimos meses, este valor foi somando ou acumulando e por falta de uma catequese sobre o assunto, passam da condição de dizimistas para ofertantes.

O DÍZIMO COMO CAMINHO DE COMUNHÃO E CORRESPONSABILIDADE

Agora que entendemos a origem do dízimo e sua espiritualidade, podemos afirmar que o dízimo é compreendido pela Igreja como prática que une fé e vida, promovendo a comunhão entre os fiéis e fortalecendo a corresponsabilidade pela missão evangelizadora. Não se trata apenas de contribuição financeira, mas de gesto espiritual que integra cada cristão na vida da comunidade. Ao devolver o dízimo, o fiel manifesta que pertence ao corpo eclesial e assume seu papel ativo na construção do Reino de Deus (cfr. CNBB, 2019, p. 12).

Essa dimensão de comunhão é ressaltada pela Arquidiocese de Belo Horizonte (2023, p. 9), ao indicar que o dízimo é sinal de pertença comunitária. Cada contribuição, seja pequena

ou grande, expressa solidariedade concreta e compromisso com a missão da Igreja. Dessa forma, o dízimo educa para uma vivência de fé partilhada, na qual todos se sentem corresponsáveis pelos projetos evangelizadores.

A corresponsabilidade nasce da consciência de que a Igreja não é sustentada apenas pelo clero ou por alguns membros, mas por toda a comunidade. A Diocese de Anápolis (crf. 2025, p. 4) lembra que a evangelização, as celebrações e as ações sociais só se mantêm porque os fiéis assumem seu papel de colaboradores. Essa colaboração não é obrigação, mas sinal de maturidade cristã e de participação efetiva na missão comum.

Domingues (2023, p. 45) destaca que o dízimo deve ser visto como caminho de formação cristã. Ao contribuir, o fiel aprende a superar o individualismo e a perceber que sua vida está inserida em um projeto maior: o da comunidade de fé. Assim, a corresponsabilidade não se reduz à esfera econômica, mas envolve também a consciência espiritual de que todos são chamados a cooperar para que a missão da Igreja aconteça.

O dízimo, entendido como caminho de comunhão, também fortalece os vínculos entre diferentes comunidades. A (CNBB, 2019, p. 28) ressalta que parte dos recursos arrecadados é destinada a dioceses mais necessitadas, mostrando que a Igreja é una e solidária. Essa prática revela que a corresponsabilidade ultrapassa os limites paroquiais, tornando-se testemunho de fraternidade entre as Igrejas locais.

A Arquidiocese de Manaus (2023, p. 7) reforça que a vivência do dízimo deve ser apresentada como espiritualidade de partilha. Ao ofertar, o fiel não apenas contribui para a manutenção das estruturas, mas se reconhece membro ativo da comunidade. Esse reconhecimento gera comunhão e fortalece a missão, pois cada gesto de partilha é sinal de fé e de engajamento concreto.

Outro aspecto relevante é que a corresponsabilidade exige transparência e prestação de contas. A Diocese de Miracema do Tocantins (2020, p. 15) observa que a clareza no uso dos recursos aumenta a confiança dos fiéis e fortalece o sentimento de comunhão. Quando a comunidade percebe que sua contribuição se transforma em obras concretas de evangelização e caridade, a motivação para o dízimo se intensifica.

A pedagogia pastoral, portanto, deve apresentar o dízimo como oportunidade de corresponsabilidade. Gasques (2022, p. 57) sublinha que essa prática ajuda a formar consciências maduras, que reconhecem que tudo pertence a Deus e deve ser partilhado. O dízimo deixa de ser visto como perda para se tornar experiência de comunhão, alimentada pela fé e pela gratidão.

O dízimo também se vincula à dimensão missionária da Igreja. A Diocese de Teixeira de Freitas/Caravelas (2021, p. 11) aponta que as contribuições sustentam projetos de evangelização e de assistência aos mais pobres. Dessa forma, cada dizimista se torna corresponsável pelo anúncio do Evangelho, colaborando para que a missão alcance novos espaços e transforme vidas.

Essa corresponsabilidade se expressa ainda no nível da vida comunitária. A Diocese de Colatina (2019, p. 8) lembra que o dízimo, quando trabalhado em círculos bíblicos e pastorais, promove maior integração entre os fiéis. A reflexão conjunta sobre a partilha fortalece a consciência de que a comunidade é chamada a viver em unidade, sustentando a fé e a ação missionária de maneira conjunta.

O dízimo, como caminho de comunhão, também educa para a solidariedade social. Dorneles (2018, p. 15) ressalta que a prática contribui para sustentar projetos que beneficiam os mais vulneráveis, unindo espiritualidade e compromisso social. Assim, a devolução não se restringe ao culto, mas alcança a vida concreta, manifestando o amor cristão em obras de justiça e caridade.

A vivência do dízimo ajuda os fiéis a compreenderem que a comunhão não se reduz à dimensão espiritual, mas exige compromisso concreto. A Arquidiocese de Belo Horizonte (2023, p. 12) recorda que partilhar bens é testemunho de fé madura, que vai além da oração e se traduz em solidariedade. Nesse sentido, corresponsabilidade significa assumir a missão da Igreja como própria, colocando tempo, dons e bens a serviço da comunidade.

O dízimo também tem caráter pedagógico, pois educa para o desapego e para a confiança em Deus. Domingues (2023, p. 46) lembra que a contribuição deve ser fruto de decisão livre e orante, para que o fiel compreenda que sua vida está nas mãos do Senhor. Esse processo educativo fortalece a espiritualidade pessoal e torna cada cristão corresponsável não apenas pela comunidade, mas pela missão universal da Igreja.

A prática contínua do dízimo ajuda a Igreja a manter a missão de modo estável e sustentável. A (CNBB, 2019, p. 32) sublinha que a corresponsabilidade dos fiéis é indispensável para que as atividades evangelizadoras, formativas e sociais sejam garantidas. Assim, a comunhão se torna visível no compromisso concreto de cada membro, assegurando que a Igreja permaneça fiel à sua vocação de anunciar o Evangelho.

Logo, percebe-se que o dízimo, quando vivido como caminho de comunhão e corresponsabilidade, transforma a vida comunitária em testemunho autêntico do Evangelho. Silva (2021, p. 10) lembra que sua essência não está na obrigação, mas na vivência do amor e

da partilha. Dessa forma, o dízimo se converte em sinal de fé madura, de solidariedade verdadeira e de compromisso missionário, renovando a vida da Igreja em cada tempo e lugar.

CONCLUSÃO

Refletir sobre o dízimo é refletir sobre o próprio sentido da comunhão eclesial. Mais do que contribuição financeira, o dízimo se apresenta como expressão de fé, gratidão e partilha. Ao revisitar sua origem bíblica, a tradição da Igreja e o ensinamento paulino, compreende-se que ele é gesto pedagógico que educa para a solidariedade, tornando-se sinal concreto de pertença e corresponsabilidade com a missão de anunciar o Evangelho.

Observou-se, contudo, que tensões persistem nas pastorais, como a idéia de que o serviço substitui a devolução ou de que o dízimo é mera obrigação administrativa. Experiências relatadas em dioceses brasileiras indicam que a catequese permanente, a transparência na aplicação dos recursos e o testemunho das lideranças são decisivos para adesão madura e consciente. Nessa perspectiva, o dízimo não é peso, mas caminho espiritual que integra fé e vida, favorecendo a sustentabilidade pastoral, litúrgica e social; portanto, as atividades pastorais não substituem a prática na devolução do dízimo.

Destaca-se também o valor formativo e orante que complementa a dimensão material do dízimo. A oração a Nossa Senhora do Dízimo (Anexo 1) reforça, de modo simples e devocional, a unidade entre fé professada, partilha vivida e missão eclesial, convidando a comunidade a apresentar sua oferta como ato de louvor e corresponsabilidade. Recomenda-se, assim, que tal oração inspire momentos formativos e celebrativos, favorecendo uma cultura de partilha livre e consciente, capaz de unir espiritualidade, solidariedade e missão em uma Igreja viva e em saída.

REFERÊNCIAS

ARQUIDIOCESE DE BELO HORIZONTE. Caminho de comunhão, participação e missão da Pastoral do Dízimo. Belo Horizonte: Arquidiocese de Belo Horizonte, 2023. Disponível em: <https://arquidiocesebh.org.br/wp-content/uploads/2023/07/livreto-pastoral-do-dizimo-2023.pdf>. Acesso em: 4 jun. 2025.

ARQUIDIOCESE DE MANAUS. Pastoral do Dízimo: uma pastoral catequética e missionária. Manaus: Arquidiocese de Manaus, 2023. Disponível em: <https://cdn.arquimoc.com/wp-content/uploads/2023/09/Pastoral-do-D%C3%ADzimo-MC-s%C3%A1bado-formatado-ok.pdf>. Acesso em: 4 jun. 2025.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL (CNBB). **Documento 106: O dízimo na comunidade de fé: orientações e propostas.** Edições CNBB, 2016 / 2019. 44 p. Disponível em: <https://arquidiocesepa.org.br/wp-content/uploads/2021/05/Formacao-Documento-CNBB-106-nn-13-27.pdf>. Acesso em: 16 set. 2025.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL (CNBB). **O dízimo na comunidade de fé: orientações e propostas.** Brasília: Edições CNBB, 2019. (Documentos da CNBB, n. 106). ISBN 978-85-7972-519-7. Disponível em: <https://www.scribd.com/document/404507868/O-DIZIMO-NA-COMUNIDADE-DE-FE-Doc-106-pdf>. Acesso em: 4 jun. 2025.

DIOCESE DE ANÁPOLIS. *Pastoral do Dízimo.* Disponível em: <https://www.diocesedeapolis.org.br/pastoral-do-dizimo/>. Acesso em: 4 jun. 2025

DIOCESE DE COLATINA. **Círculo Bíblico: Dízimo – Fé, Gratidão e Partilha.** Colatina: Diocese de Colatina, 2019. Disponível em: <https://cdn.diocesedecolatina.com.br/wp-content/uploads/2019/06/Circulo-B%C3%ADblico-Dizimo.pdf>. Acesso em: 4 jun. 2025.

DIOCESE DE MIRACEMA DO TOCANTINS. **Diretório e orientações para a Pastoral do Dízimo.** Miracema do Tocantins: Diocese de Miracema do Tocantins, 2020. Disponível em: <https://diocesedemiracemato.org.br/upload/arquivos/248.PDF>. Acesso em: 4 jun. 2025.

DIOCESE DE TEIXEIRA DE FREITAS/CARAVELAS. **Apostila do Mês do Dízimo. Teixeira de Freitas:** Diocese de Teixeira de Freitas/Caravelas, 2021. Disponível em: <https://dioceseteixeiradefreitas.com.br/wp-content/uploads/2021/07/Diocese-Apostila-D%C3%ADzimo.pdf>. Acesso em: 4 jun. 2025.

DOMINGUES, Pe Rafael Gouvêa. **Compreender o Dízimo.** Paulus Editora, 2023.

DORNELES, N. N. Dízimo e Pastoral Social. **Revista Teopraxis**, v. 35, n. 124, 2018. Disponível em: <https://revista.itepa.com.br/index.php/teopraxis/article/view/81>. Acesso em: 16 set. 2025. Revista ITEPA

GASQUES, Jerônimo. **As sete chaves do dízimo: segredo a ser descoberto.** São Paulo: Paulus, 2022. ISBN 978-85-349-2874-8.

RUBINI, Ademir; KUNZLER, Alcido. A fundamentação Bíblica da Pastoral do Dízimo. **Revista Teopraxis**, v. 35, n. 124, p. 11-30, 2018. Disponível em: <https://revista.itepa.com.br/index.php/teopraxis/article/view/79>. Acesso em: 16 set. 2025. Revista ITEPA

SILVA, Carolina Gual. A constituição de jurisdições eclesiais no discurso canônico sobre dízimos: a Summa Aurea de Hostiensis e suas intertextualidades. **Anos 90**, v. 28, p. 1-18, 2021. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/anos90/article/view/99023>. Acesso em: 03 junho de 2025.

NOSSA SENHORA DO DÍZIMO.

A história de Nossa Senhora do Dízimo nasceu em Maputo, capital de Moçambique no ano de 2009, quando estavam naquele país africano dois missionários brasileiros (Fonseca e Bruno), os quais em conversa com Padre Rômulo e Padre José Geraldo falavam sobre a dura realidade de um povo que sobrevive com 70 (setenta) dólares mensais e sobre Maria Santíssima que administrava como dona de casa o orçamento de José, carpinteiro.

Ao final da conversa, espontaneamente Padre Rômulo disse: “Nossa Senhora do Dízimo, rogai por nós!”, tendo em suas mãos a imagem de Nossa Senhora do Dízimo. A imagem foi doada ao missionário Fonseca que a trouxe ao Brasil. No dia 18 de fevereiro de 2011, em audiência com Dom Fernando Antônio de Figueiredo, bispo da diocese de Santo Amaro (SP), foi recebida a aprovação eclesiástica para divulgar Nossa Senhora sob o título de “Nossa Senhora do Dízimo”, Na mesma ocasião, Dom Fernando aprovou, também, a oração a Nossa Senhora do Dízimo e, a partir daquela data os dizimistas e os agentes de pastorais que trabalham contam com sua intercessão.

Oração a Nossa Senhora do Dízimo:

Ó Maria, gloriosa Mãe de Deus,
 ergue-se a vós a nossa oração.
 Que a felicidade a Deus
 e ao seu projeto de salvação,
 conceda-nos a graça de ser fiel
 no dízimo, para colaborar com Deus,
 com a Igreja e com os pobres,
 e construir uma unidade concreta
 para suportar as diversidades dessa vida.
 Queremos que a Palavra de Deus,
 explicada ao povo, faça-o cada
 vez mais devoto de Nossa Senhora
 e comprometido com o Dízimo e a oferta.
 Amém!